

Daniela Repetto

AONDE TE ESCONDESTES, AMADO

Ícones e palavras
para o *Cântico Espiritual*
de são João da Cruz

Título original: *Gocémonos, Amado*
Autora: Maria Daniela Biló Repetto

Tradução: Agostinho dos Reis Leal
1.ª edição: dezembro de 2025

Depósito Legal: 556409/25

ISBN: 978-972-640-234-3

© 2025, Edições Carmelo
Convento de Auessadas
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses
Tel.: +351 255 531 354
E-mail: editorial@carmelo.pt
www.carmelo.pt

Composição e paginação:
Edições Carmelo

Impressão:
Artipol – Águeda

CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	15
I. DAS TREVAS PARA A LUZ, UM ÍCONE PARA CONTEMPLAR	23
A imagem de São João da Cruz e os símbolos que a rodeiam	25
São João da Cruz no mistério de Cristo, de Maria e da Igreja	29
II. O CÂNTICO ESPIRITUAL EM 25 MINIATURAS	35
Busca, desejos e reclamações do amor	37
Encontro e amor de desposório	81
A união tão desejada do matrimônio espiritual	121
Aspiração final de glória.....	173
Conclusão.....	201
III. APÊNDICE	
<i>Cântico Espiritual</i> (CB: Canções entre a alma e o esposo)	205
Bibliografia	213

APRESENTAÇÃO

1. A palavra dos místicos é rica na sua pobreza e pobre na sua riqueza. Por mais rude que pareça, é sempre “poética” no sentido original e genuíno do termo: é criadora e criativa. Com o barro humilde da nossa terra, tenta reconstruir a imagem do templo onde os serafins clamam eternamente: Santo, Santo, Santo (cf. Is 6, 2).

A expressão mística é uma palavra turgente e sempre deficiente, erguida na ponta dos pés para roçar a orla do mistério. Mas o mistério é inefável por essência e por presença, que nunca o seria por ausência. Assim, aquele que o nomeia apela incansavelmente às imagens que sugerem fantasias e acendem sentimentos.

2. O *Cântico Espiritual* de São João da Cruz é uma palavra que se transcende a si mesma. Pelo *Cântico* desfilam imagens de selvas nunca vistas em terras de Castela, de feras distantes e temidas, mas também de raposas que danificam as vinhas e, à noite, perturbam o rebanho. Nele se recordam as flores e as roseiras de um novo e sempre desejado paraíso. O vento norte que traz a morte e o vento sul que anuncia primaveras.

Leões, veados, gamos saltadores, montes e montanhas, outeiros e ribeiras, vales, ilhas estranhas, rios sonoros e o sibilo dos ares amorosos, águas, ares, ardores e medos das noites veladoras. Flores e grinaldas, feras, fortes e fronteiras, bosques e matas, prados de flores e verduras, o bosque e sua graciosidade, fontes cristalinas. A rola, a pomba e o canto da doce cantilena. E, finalmente, a macieira e a caverna recôndita, onde se desenrola o diálogo de amor entre a esposa e o Amado.

Tudo é palavra, vibrante e silenciosa, serena e exaltada, íntima e extasiada. Mas tudo é também imagem, próxima e estranha, temerosa e amigável, nostálgica e esperançosa. Na mística, a palavra torna-se imagem e a imagem apela à palavra.

O *Cântico Espiritual* situa-se entre o canto franciscano do irmão sol e o hino teilhardiano ao universo. Nos três ressoa a firme convicção daquele que quer e sabe ler esse *liber naturae* que revela a mão e os sentimentos do seu Autor. A mística é a leitura de uma mensagem eterna que chega à alma no tempo através dos sentidos e sentimentos, de experiências e esperanças.

3. As carmelitas descalças de Harissa (Líbano) conseguiram plasmar num retábulo surpreendente os ícones que tornam visível o Invisível. João da Cruz e as estrofes do seu *Cântico* entram pelos olhos de hoje através das formas herdadas das melhores escolas de outros tempos. O Oriente e o Ocidente respiram aqui com os dois pulmões de uma harmonia que dá vida.

As monjas autoras desta pintura detiveram-se longamente em explicar as medidas da imagem central do seu retábulo. João da Cruz atinge a dimensão do homem novo, criado como filho de Deus, membro da Igreja e senhor do universo. Na chama que arde no seu peito, mal descoberto pela brancura da capa que a brisa levanta e dinamiza, unem-se a dimensão cósmica e histórica de uma salvação que engrandece o humano para sempre.

E em torno da figura do grande contemplativo, sucedem-se os pequenos ícones que revelam o objeto e o fim de toda contemplação. Sem palavras e numa surpreendente sanefa historiadada, a imagem narra e evoca o diálogo de amor entre a alma e o seu Senhor.

4. O mistério incriado torna-se legível no criado. O milagre é que o inefável se possa de repente converter em palavra, mesmo que balbuciante. Mas milagre é também que a palavra possa dar origem à imagem e esta, por sua vez, suscitar novas palavras de reflexão ou exortação sobre ela.

Esse itinerário é o que Maria Daniela percorreu. A sua licenciatura em Teologia, com especialização em espiritualidade, levou-a a fazer um mestrado em Arte Sacra. A obra aqui apresentada reúne o estudo que tive a honra e o prazer de acompanhar e orientar durante o mesmo.

Com sabedoria orante e ilustrada, a autora voltou a meditar sobre a profundidade teológica do *Cântico Espiritual* que

conhecia há anos. Com paciência renovada, analisou as figuras veneráveis dos antigos ícones orientais, aqui recolhidos pelas monjas carmelitas. Estudou a fascinante linguagem dos símbolos que, em formas e cores, nos aproximam dos mesmos umbrais do mistério. E meditou dia e noite sobre a harmonia antiga e sempre nova que fecunda mutuamente o verbo e a imagem.

No momento cultural do nosso tempo, é preciso ajudar as pessoas a recordar os textos iniciais. Sem o conhecimento e a memória do relato ou do poema, não será possível compreender a outra linguagem dos sinais. Mas, ao mesmo tempo, o ícone poderá expressar-se plenamente se prestarmos atenção ao eco que a contemplação oferece à memória da mensagem.

A catequese cristã fará bem em recuperar esta dinâmica das linguagens verbais e icônicas para que os crentes conheçam a riqueza das raízes culturais da sua fé. Mas também os não crentes poderão admirar a admirável conexão que a fé soube realizar ao unir as expressões da verdade, da bondade e da beleza.

Este esplêndido trabalho que agora se apresenta pode prestar uma ajuda inestimável a essa busca da ceia que recreia e enamora.

José-Román Flecha Andrés
Universidade Pontifícia de Salamanca